

Mostra reflete sobre o ato de sentar e o desenho das cadeiras brasileiras

A pesquisa e as reflexões da jornalista e curadora Adélia Borges sobre as conotações técnicas, estéticas e simbólicas da cadeira - "possivelmente o objeto mais explorado pelos designers em todo o mundo" - estão na mostra **Uma História do Sentar**, que fica no recém-inaugurado NovoMuseu, em Curitiba, até 9 de março.

A mostra - estruturada por dois eixos espacialmente integrados, que são o setor tridimensional e o extenso painel com 43 metros de comprimento - abrange, em seqüência cronológica, os principais momentos da trajetória dos assentos no Brasil, desde o início do século 20. Em módulos expositivos criados pelo arquiteto Marcelo Ferraz, são apresentados cerca de 150 móveis, entre cadeiras, bancos e banquetas, poltronas, espreguiçadeiras e pufes, concebidos para diferentes usos (residencial, comercial, institucional, entre outros) por designers e autores desconhecidos.

Adélia comenta que, a partir da grande diversidade da mostra, podem-se estabelecer diferentes módulos temáticos, entre os quais: o contínuo esforço pela industrialização do móvel no Brasil; a forma transcendendo a função, como nas cadeiras dos designers Flávio de Carvalho e Fernando e Humberto Campana, que, em épocas distintas, questionaram o próprio ato de sentar por sua irreverência formal e de ►►



LINA FARIA - 1

ARY DIESENDRUCK 2



LINA FARIA 3



FÁBIO PRAÇA 4



1 Cadeira de Três Pés, 1947, Joaquim Tenreiro

2 Cadeira Barroca, 1992, Edith Apter Diesendruck

3 Cadeira de balanço, 1977, Oscar Niemeyer

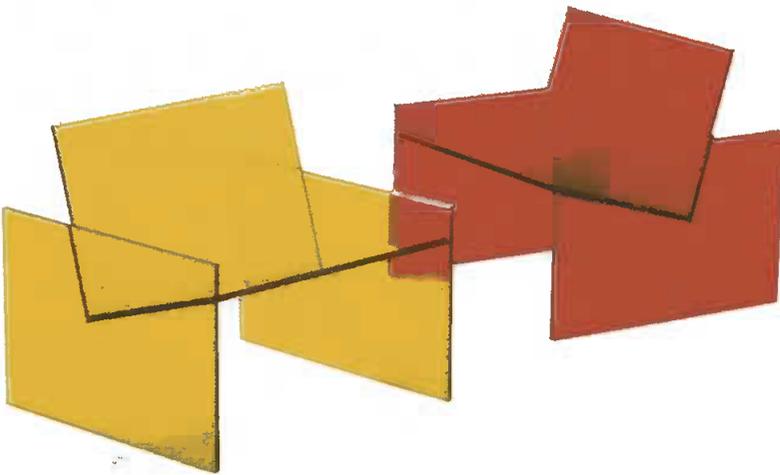
4 Banco dos Índios suiás, do Xingu

5 O módulo indígena, no início da exposição, representa a dimensão atemporal e extrema expressividade formal

LINA FARIA 5



1
ANDRÉS OTERO



materiais; o uso predominante e extremamente qualificado da madeira no país. Estão presentes também a busca pela identidade nacional, a atuação dos jovens designers e a “reinvenção da matéria”, caracterizada por móveis que usam matérias-primas alternativas, como papelão, vidro e resíduos industriais, entre outros.

Destaca-se, portanto, a visualização conjunta de peças como a cadeira Patente, de Celso Martinez Carrera, que no início do século 20 representou a cisão entre a produção artesanal e industrial no país, em virtude da busca pelo desenho simplificado; a cadeira de escritório Cimo, da Móveis Cimo, produzida industrialmente em 1920; a Cadeira de Três Pés, de Joaquim Tenreiro, exemplo da utilização de

2
LINA FARIA



3
LINA FARIA



1
Poltrona Quatro, 2001, Jacqueline Terpins

2
No setor final da exposição, painel contrapõe a imagem de candangos agachados, em um fim de tarde de 1959, em Brasília, com a frase de Marcel Breuer: “Um dia, quem sabe, sentaremos sobre cadeiras de ar sólido”

3
Vista do salão de exposições. Os móveis são expostos em estruturas azuis de alturas variadas

4
Cadeira Gaiivota, 1988, Renzo Bonzon

4
EDUARDO ORTEGA



madeiras diversas; móveis com conotação artesanal, como os de Maurício Azeredo e Carlos Motta. Já entre os jovens designers, Adélia cita a banqueta de papelão do escritório Tátil Design, a poltrona de acrílico de Daniela Ktenas e a banqueta Bate-Papo, de Flávia Pagotti, entre outros.

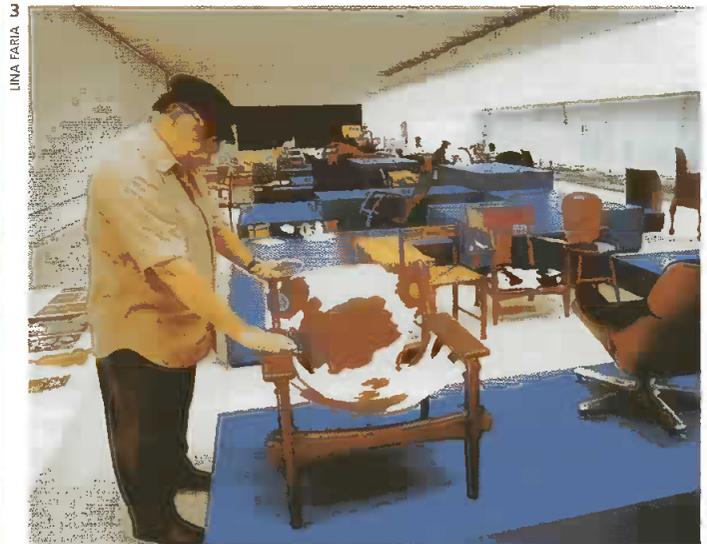
Um painel com 43 metros de comprimento, que percorre toda a extensão da área de exposições, mostra textos e imagens que procuram “provocar a reflexão e o questionamento das pessoas sobre o próprio ato de sentar”. Sem limites cronológicos ou geográficos, para Adélia esse setor é tão importante quanto a exposição de objetos, pois “desperta a imaginação dos visitantes e os faz pensar além, considerando também o contexto cultural”. (E. G.) ■



1
RÔMULO FIALDINI



2
LINA FARIA



3
LINA FARIA



4
FÁBIO PRAÇA

1
Cadeira de Flávio de Carvalho, 1950

2
Acompanhando a exposição de móveis, o painel conceitual propõe reflexão sobre o ato de sentar

3
Cadeira Kilin, 1973, Sérgio Rodrigues

4
Cadeira Cimo 1001, 1921-24